

VINTE E OITO ANOS DE ALEGRIA

foram ontem comemorados, com um cortejo de estandartes das Sociedades de Recreio e sessão solene no Grupo Dramatico Lisbonense

Estas festas recreativas, ingénuas, saborosasamente populares, com modistinhas alegres, burguesinhas sonhadoras que sabem de cor dois ou três livros de George Ohnet, rapazes cheios de vida operários, empregados, homens de trabalho, gente do povo, têm o seu quê de encantador, de emotivo, de infantil.

Uma festa do povo como aquela, no Grupo Dramatico Lisbonense, na rua Marcos Portugal, a que o reporter ontem assistiu, precedida dum luzido cortejo de estandartes, com uma filarmónica, muita gente e muita alegria, merece ser contada, fugindo á linguagem vulgar e breve dos «faits-divers» da cidade.

O Grupo Dramatico fez anos. Vinte e oito anos de festas rijas, de bailes, «pic-nics», excursões, espectáculo com dramazinhos românticos e saraus á francesa com recitações e bailes até de madrugada.

E comemorou-se o facto. Os estandartes das colectividades recreativas juntaram-se, á tarde, na Academia Nacional, na rua de S. Bento. Compareceram os estandartes dos «Alunos de Apolo», da «24 de Agosto», da «Lisbonense», da Federação das Sociedades de Recreio, do «Grupo 3 Estrelas», da «Incrível Almadense», da «União Democrática Barreirense», do grupo «Esquerdistas», da «Recreativa Nacional», da «Piedense», «Banda da Republica», da «Verdi», do Rio de Janeiro, da «Cruz Quebradense», do Gremio do Alto do Pina, Academia Recreativa Nacional, da «6 de Setembro», da «Gomes Lopes, do Odeon, da «Guilherme Cossoul», do «Agulhas de Ouro», da «Almadense», da «Ordem e Progresso», do «1.º de Janeiro de 1913», dos «Prussianos», do «Seixal», da «Catarinense», do «Boa União», da «Voz do Operário», do «Lafonense», da «1 de Junho de 1914», da «Ramiro José», da «Apolo 1 de Julho de 1915», etc. E formou-se um cortejo, aberto pela banda da Sociedade Alunos de Apolo e fechado pelos Escoteiros do Seixal, que desceu a rua de S. Bento, subiu a praça das Flores e se dirigiu, por fim, á sede do Grupo Dramatico Lisbonense, onde os socios e as senhoras receberam os estandarte com palmas e flores.

Encheu-se a casa, um engraçado teatrinho de bonecas, com a sua galeria e palco

pelo sr. Franco de Carvalho, da Federação, que fez um discurso de saudação. Os estandartes inclinaram-se e D. Irene Pereira, a pianista elegante dos olhos românticos e negros, tocou o hino.

Dias Junior chamou a comissão de senhoras que ofereceram os estandartes. As senhoras subiram ao palco. Mais palmas. E avançaram os representantes dos «Alunos de Apolo» e da «24 de Agosto», que apadrinharam a nova bandeira. Varias colectividades ofereceram fitas e a cada fita que se collocava no estandarte correspondia metade do hino que D. Irene Pereira, sempre a sorrir, dedilhava no piano.

E surgiu para o reporter, escondido ao fundo da sala, a grande revelação da tarde: o «hurrah!», inglês; o «ala, ala arriba», da Povoa; o «viva» á antiga portuguesa, foram destronados. A saudação lisboeta, autenticamente alfacinha, é esta que o sr. João Pereira de Sousa, representante do grupo «3 Estrelas», lançou na sala:

—Pelo Grupo Dramatico Lisbonense: Um e um, dois! Dois e um, três! Três... Três... Três estrelas!

A que a assistencia correspondeu em cântico: —Três!... Três!... Três estrelas!

Houve mais discursos. O sr. Eduardo Franco Dias, que falou no povo e nas agruras da vida, concluindo que os socios das sociedades de recreio são «revolucionarios da paz», paradoxo que provocou aploausos entusiasticos. Falaram ainda varios oradores: Manuel Almeida Lima, da Ordem e Progresso; Manuel Costa Lima, da Sociedade Instrução e Recreio de Carregó (Viana do Castelo), que declarou ter representado naquele palco, ha muitos anos, o galá dos «Veteranos da liberdade»; Antonio Martins, da «24 de Agosto» e Pereira Alves.

E falou depois, muito comovido, o sr. Pereira Santos, socio muito antigo do Lisbonense. No fim do discurso saudou as senhoras e disse que ia descer á sala e beijar as mãos das que faziam parte da comissão do estandarte. E desceu e beijou.

Isto provocou comoção. Uma das senhoras, bonita e simples no seu trajo côr de rosa, a lembrar uma «modistilla» de Madrid, 1.º premio do concurso de vestidos de 4 pesetas organizado pela «Estampa», não



Um aspecto do cortejo

de amadores. Os estandartes foram colocados em volta da mesa da presidência. Abriu-se o pano. Ouviram-se palmas e o hino da agremiação, executado ao piano por uma linda rapariga de olhos românticos, profundos e negros. O sr. Dias Junior presidiu e fez-se secretariar pelos srs. Fernando Simões e Henrique Faria. O presidente fez um breve discurso de agradecimento, mandou ler o expediente, falou com graça e certo enternecimento dos «furiosos dramaticos» e acabou por fazer a historia do Grupo Dramatico Lisbonense, recordando que naquela sala funcionou em tempos, o Teatro «Terpsychore» e, depois, um amarem de sucata. Mudou-se a presidência, agora ocupada

era capaz de esconder as lagrimas que lhe caíam, rebeldes e teimosas, pela face viçosa e branquinha...

E, para fechar a sessão, falou, de novo o sr. Dias Junior, que agradeceu a todos quantos se associaram á festa—bela festa popular, saudavel, simples e despretenciosa, a comemorar vinte e oito anos de alegria.

De duas outras maneiras foi comemorado o 28.º aniversario do Lisbonense: á tarde, enviaram-nos 50\$00 para os nossos pobres, belo gesto que muito agradecemos. Á noite, houve sarau e baile, em que se bailou e ballou até o Sol começar a anunciar o novo dia.